

05 MAI 1985



JORNAL DO BRASIL

A Economia ^{Branca} pós-Tancredo

JOÃO PAULO DE ALMEIDA MAGALHÃES

1 — Ponto de acordo, até o momento, entre os analistas da economia da Nova República era o de que estavam em choque a orientação da Fazenda e do Planejamento. Donde a inferência, aparentemente lógica, de que o Presidente Sarney deverá optar por uma das duas equipes. Puro erro. Dentro das áreas respectivas, tanto Sayad como Lemgruber são altamente competentes. Mais que isso, suas propostas, vistas de uma ampla perspectiva temporal, podem mesmo ser complementares conforme se mostrará abaixo. O importante é consequentemente que as duas concepções de política econômica sejam coordenadas.

Não era isso que se vinha fazendo até o momento. A visão monetarista da Fazenda predominou enquanto se acreditava na rápida recuperação de Tancredo Neves. Na medida em que se reduzia a probabilidade da volta do Presidente eleito, passou a comandar o processo algo usualmente classificado como as teses do PMDB paulista, valorizadas pelo alto patrocínio do Dr. Ulysses Guimarães. É claro que a melhor forma de se optar por estratégias econômicas divergentes não é levando em conta a força política relativa dos seus partidários.

2 — Não há qualquer motivo para que o Dr. Sarney renuncie à competência do Professor Lemgruber ou do Professor Sayad ou ainda que dispense o "drive" e capacidade executiva do Dr. Dornelles. Sua escolha deve ser entre alternativas de política econômica e estas são bastante claras: (a) jogar tudo no controle da

inflação aceitando o risco de uma forte recessão; (b) partir de imediato para uma ação de amplo espectro social correndo o risco de uma inflação de nível argentino; (c) estender temporariamente as opções concentrando-se durante dois anos na contenção antiinflacionária e dedicando o resto do seu Governo à ação social. Há inclusive quem defende que, neste terceiro caso, a ordem possa ser invertida, com um programa social de dois anos e inflação estável aos níveis atuais, passando-se, no período seguinte, à contenção de preços.

Estou certo de que se a opção for clara as equipes que aí estão se disporão a implementá-la ainda que sua preferência não tenha sido atendida. Erro fatal será optar pelas duas coisas ao mesmo tempo, partindo para um pouco de controle de inflação com um pouco de programa social. O risco nesse caso é perpetuarmos o modelo Delfim Netto, ou seja, muita inflação com muita recessão.

3 — E se as opções parecem ser as três acima listadas os instrumentos disponíveis vão além dos aventados nesses primeiros quarenta dias da Nova República. Uma política de rendimentos (a exemplo da explícita ou implicitamente proposta por Lara Rezende, Chico Lopes e outros) embutida num grande pacto social é perfeitamente compatível com qualquer das três estratégias acima e reduzirá substancialmente os sacrifícios nelas implicados. Em suma, as coisas não são tão negras como parecem à primeira vista.